

GANHAR O MUNDO PARA CRISTO: UMA TAREFA DE MULHERES

TO WIN THE WORLD FOR CHRIST: A TASK OF WOMEN

*Íris José dos Anjos**

RESUMO: O presente artigo versa sobre o segundo capítulo da minha Dissertação de Mestrado, que investigou o processo de surgimento do Movimento do Graal na Holanda, num contexto de redefinição da atuação da Igreja Católica e de ascensão dos movimentos feministas. Para isso, utilizou-se como fontes históricas as conferências do Pe. van Ginneken para as mulheres do Graal, em setembro de 1932; conferências estas que foram analisadas a partir da problematização de três temas: a representação do lugar da mulher na sociedade, o significado do Graal como um movimento leigo de mulheres e práticas de ação do Movimento do Graal.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, educação, sexualidade, igreja católica

ABSTRACT: This paper is about the second chapter of my Dissertation that investigated the origins of the Graal Movement in Holland into a context of redefinition of the Catholic Church role and the raise of the feminist movement. The study was based on Priest van Ginneken conferences, attended by the Graal women in September 1932. These conferences were analyzed from the problematic study of three action practices of the Graal Movement.

KEY WORDS: Gender, education, sexuality, catholic church

* Mestre em Educação pela UFMG. Professora de Sociologia Geral do CEIVA/INCISOH – Instituto de Ciências Sociais e Humanas. e-mail: ceiva@connect.com.br.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo versa sobre o segundo capítulo da minha Dissertação de Mestrado, que investigou o tema Mulher e Religião através do estudo das origens do Movimento do Graal no Brasil, especificamente em Minas Gerais, no período de 1948 a 1970.¹

O Movimento do Graal² foi fundado pelo Pe. Jesuíta Jacques van Ginneken, em 1º. de março de 1929 na Holanda, num contexto de redefinição da atuação da Igreja Católica, junto a setores marginalizados da sociedade e de ascensão dos movimentos feministas. Sua proposta traduziu-se em um projeto pedagógico voltado para a “santificação” da mulher, com o objetivo genuinamente religioso de “ganhar o mundo para Cristo”. Como forma estratégica de divulgar o Movimento, o Pe. van Ginneken se aproxima de algumas questões feministas da época, mesmo que negasse integralmente os seus pressupostos, ao mesmo tempo em que busca estabelecer um contraponto entre Graal e Igreja Católica. Em Minas Gerais, no período em questão, a atuação das mulheres do Graal se revela de modo paradoxal, exercendo ora atividades assistencialistas (identificando-se com os movimentos de Ação Católica) ora atuando politicamente em grupos de esquerda. Entretanto, no que se refere às questões relativas ao corpo e à subjetividade feminina, a prática desse movimento de mulheres caracterizou-se pelo não-enfrentamento a essas demandas e, por isso, revelou uma fragilidade na construção de uma identidade junto a outros Movimentos Sociais.

A questão central problematizada neste estudo é a dificuldade para esse Movimento de Mulheres, em períodos mais recentes de sua história, direcionar com segurança as práticas pedagógicas voltadas para a formação feminina, bem como se inscrever no terreno do

¹ Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais e orientada pela professora e Doutora em História da Educação, Cynthia Greive Veiga, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, cuja linha de pesquisa adotada foi a da História Social e Educação.

² A denominação Graal se inspira na Lenda Medieval do século XIII, cujo conteúdo está intimamente ligado aos ideais e valores da Cavalaria. A Lenda possui inúmeras versões e, de acordo com WHITMONT (1991), o Graal era o Cálice para a celebração da missa... O Guardião do Graal, o Rei Arthur, também conhecido como o Rei Pescador, era também o sacerdote da missa e, conta-se que, por ter perdido a fé e violado o seu voto de castidade, foi ferido por uma lança nos genitais. A partir dessa época, ficou conhecido como o Rei Ferido ou mutilado e as suas terras tornaram-se desertas, desertificando-se também o coração dos homens. Este era o sinal mais claro da perda do Cálice Sagrado. Conta-se que o Rei Arthur costumava reunir-se com seus cavaleiros em torno da Távola Redonda e, durante a festa de Pentecostes, o Graal apareceu-lhes em um raio de sol. Animados com a aparição, juraram sair em sua procura submetendo-se às provas de iniciação. Acreditava-se que a recuperação do Graal traria de volta a paz e a fertilidade das terras, bem como a saúde do Rei. Entretanto, fazia-se necessário empreender a Procura e, encontrando-o, saber ainda fazer uma pergunta certa. De acordo com WHITMONT (1991), de todos os cavaleiros que saíram em busca do Cálice, Parsifal foi o único a encontrar o Graal. Conta-se que ele vagou durante cinco anos por terras desertas até que chegou ao castelo do Rei. Nessa ocasião, ele conseguiu formular a questão ritual prescrita, qual seja: A quem serve o Graal? Tal indagação resultou no restabelecimento de um tempo de paz e harmonia e na saúde do Rei Arthur.

político, assumindo uma posição de certa vanguarda na luta pelos direitos das mulheres. Sendo assim, com o objetivo de investigar as origens dessas questões, é que se fez uma análise do processo de surgimento das duas instituições fundadas pelo Pe. Van Ginneken: a Sociedade Senhoras de Nazaré e o Movimento do Graal na Holanda, analisando, portanto, as formas e os objetivos dessas fundações. As conferências escritas pelo Pe. Van Ginneken em setembro de 1932 foram analisadas e problematizadas a partir de três temas: a representação do lugar da mulher na sociedade e o significado do Graal como um movimento leigo de mulheres e práticas de ação do Movimento do Graal. Como parte dessas reflexões, foram considerados ainda os estudos realizados por historiadoras e teólogas, partidárias de uma visão mais crítica sobre a temática mulher e religião.

O estudo do tema Mulher e Religião é recente na História da Educação, mesmo que a religião venha marcando a trajetória da formação das mulheres. Os estudos que, em geral, vieram se dedicaram à questão, fizeram-no mais no sentido de identificar a influência de concepções religiosas na educação do que propriamente analisar o tema numa perspectiva de gênero.³ Qual seja, a de buscar compreender “a construção social e histórica dos sexos” com ênfase no caráter social e relacional dos dois sexos”. (LOURO,1992: 54).

2. A FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE SENHORAS DE NAZARÉ E DO MOVIMENTO DO GRAAL NA HOLANDA: UM ESPAÇO DE AMPLIAÇÃO DAS OPORTUNIDADES PARA A MULHER LEIGA NA IGREJA?

O final do século XIX e início do século XX foi um período de profundas transformações econômicas, políticas e sociais. Se, por um lado, o crescimento dos estados liberais veio associado ao desenvolvimento do capitalismo, com o avanço das indústrias e a urbanização das cidades, por outro a marginalização da classe operária e o crescimento da pobreza, especialmente nos grandes centros, possibilitou o avanço das idéias socialistas e comunistas. Todas essas mudanças terão suas repercussões na Igreja Católica que, desde o século XVIII, em consequência da difusão das idéias liberais e iluministas, vinha perdendo a sua hegemonia na sociedade. Não dispendo até aquela época de uma perspectiva sócio-política que a fizesse atuar junto aos setores marginalizados da sociedade, a Igreja Católica vê-se obrigada, nos séculos posteriores, a reordenar a sua prática pastoral através de uma

³ Entre vários trabalhos podemos citar, como exemplo, o de CARRATO (1968) Igreja, iluminismo e escolas mineiras coloniais. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

ação social que a aproxime das classes mais oprimidas da sociedade da época. A idéia que vigorava é que era preciso trazer as pessoas afastadas da religião para Cristo. É, sobretudo com o objetivo de converter, que a Igreja busca rearranjar o seu discurso e a sua ação, de modo a assegurar a confiança dos descrentes.

Entre as preocupações da Igreja Católica, destaca-se o processo de modernização social com a emergência do “feminismo de direitos”,⁴ além do progresso do protestantismo. Sendo assim, a Igreja buscará organizar as mulheres, dedicando-se à fundação de instituições que visem, sobretudo, a convertê-las ao catolicismo e educá-las dentro dos moldes que, seguramente, fogem àqueles propostos pelas organizações feministas. Enquanto nos movimentos feministas debatiam-se questões que objetivavam trazer à mulher uma maior compreensão do seu lugar na sociedade, a preocupação da Igreja, mesmo que na carona do processo de mobilização das mulheres, vai em outra direção. Organizá-las é essencialmente trazê-las para o mundo dos novos deveres e responsabilidades a serem assumidos perante a sociedade tão tensa e “desgarrada de Deus”, traduzidos em: capacidade para amar os outros de maneira sacrificada, capacidade de se resguardar, mesmo vivendo no mundo como uma mulher comum, capacidade de ser sábia, gentil, de amar a mansidão e o esplendor. As ordens leigas fundadas pelo Pe. van Ginneken retratam as preocupações da Igreja Católica em criar espaços de organização feminina que diferissem dos movimentos feministas.

A Sociedade Senhoras de Nazaré foi fundada em 1º de novembro de 1921, um ano antes de ser divulgada a encíclica sobre o apostolado leigo, escrita pelo Papa Pio XI, em 1922. De acordo com o Pe. van Ginneken, esta fundação representava algo novo dentro da história da Igreja. As religiosas, até aquele momento, estavam bem protegidas pelos muros dos conventos e não tinham, por isso, uma inserção no mundo nem uma compreensão da sua prática religiosa advinda dos problemas enfrentados pela sociedade moderna. Embora, desde o século XIX, o surgimento de ordens religiosas femininas já viesse rompendo com um modelo de vida religiosa tradicional. Com a ajuda das primeiras iniciantes, o Pe. van Ginneken vai, aos poucos, estruturando o universo desse grupo de mulheres leigas, serviço que lhe fora confiado pela Igreja a fim de inserila frente aos novos desafios colocados pelos tempos modernos. De acordo com os propósitos dessa fundação, as mulheres integrantes da Sociedade Senhoras de Nazaré deveriam realizar retiros espirituais e

⁴ Expressão utilizada por DE BIASE (1995) como referência aos movimentos feministas de mulheres e que possuíam um caráter reivindicatório dos direitos da mulher na sociedade.

ministrar aulas de catecismo para mulheres jovens “não católicas” . Essa designação refere-se àquelas pessoas que, apesar de possuírem uma origem na religião católica, não possuíam uma prática dentro dos princípios dessa instituição. Pertencendo a esse grupo, estavam as operárias que, envolvidas com o grupo das Senhoras de Nazaré, aprendiam uma profissão iniciando-se nas chamadas “ prendas domésticas”, tais como cozinhar, costurar e cuidar da casa, além de catalogação de livros e tipografia.

Percebe-se que, para compor a Sociedade, van Ginneken não faz uma ampla convocação; porém, espera que as mulheres se aproximem já vislumbrando nelas o desejo de participar. A importância da mulher ter um papel ativo na sociedade e na Igreja certamente era um dos temas que ele, padre e professor de seminário, trataria em suas palestras, conferências e retiros, aproveitando também esses momentos para incentivá-las a levar até a sociedade a mensagem do Evangelho, “ganhando o mundo para Cristo”. Sendo assim, aquelas mulheres mais sensíveis a este projeto vão se aproximando aos poucos e se colocando a serviço desse novo apostolado. De acordo com Donders, as integrantes dessa nova fundação

tinham que ser mulheres que dariam suas vidas em dedicação total a Cristo para o apostolado entre as classes femininas cristianizadas, e para a conversão dos não-católicos (DONDEERS, 1979: 10).

E como as religiosas, as Senhoras de Nazaré deveriam sair de suas casas para viverem esse projeto de vida em comunidade. A comunidade para as Senhoras de Nazaré deveria ser o espaço de aprendizado contínuo dos valores e princípios da Sociedade. Algo a ser aprendido na convivência diária com outras mulheres que também pertencessem a essa organização.

O grupo foi constituído por mulheres jovens, com idade variando entre 20 a 25 anos e pertencentes aos setores mais abastados, mas que se coloca à disposição para atuar de maneira produtiva na sociedade. Embora esse pertencimento social sugira que elas possuam recursos próprios para se manterem na comunidade, a idéia de unidade comum e de partilha possivelmente escasseou esses recursos individuais, fazendo com que o grupo continuamente se visse em dificuldades. Essas questões não inviabilizavam o projeto, uma vez que a vida de pobreza, despojamento, fraternidade e solidariedade eram valores a serem aprendidos e apreendidos pelas mulheres de Nazaré. Uma saída vislumbrada pelas mulheres como forma de atenuar as dificuldades financeiras foi o emprego em fábricas de chocolate, tecido, cigarro e geléia, onde elas combinavam a prática do apostolado

trabalhando nas linhas de montagem junto a mulheres operárias. Embora a entrada de recursos fosse propícia, o objetivo principal das Mulheres de Nazaré era converter as operárias, e o trabalho nas fábricas possibilitava uma maior aproximação com essas mulheres.

Percebe-se que o discurso do apostolado leigo proferido por van Ginneken era dirigido para as mais ricas, porém, pretendia atingir a todas. Converter era aliviar as misérias humanas através da dedicação feminina às demandas sociais e espirituais. Era voltar-se para os pobres e para os males do mundo moderno e, da mesma forma, colocar-se a serviço de uma causa religiosa que pedia que a ociosidade e o envolvimento da mulher com questões que a Igreja considerava superficiais tivesse um fim.⁵ As operárias, na labuta diária e possuindo aspirações condizentes com uma vida de carências materiais, não seriam as mais indicadas para realizar a conversão. Seriam as convertidas para Cristo. Esse projeto pretendia aproximar as mulheres passando por cima das diferenças sociais e compreendendo-as dentro da dimensão religiosa-cristã.

Em 1928, a Sociedade Senhoras de Nazaré já tinha se tornado um grupo consistente de mais ou menos 12 mulheres,⁶ quando ocorreu uma mudança básica que possibilitou uma reviravolta em seus planos, bem como nos planos do seu fundador. O grupo das Senhoras de Nazaré, desde a sua fundação na Diocese de Haarlem, encontrava-se sob a jurisdição do Bispo A. Callier, que era responsável por essa diocese. Esse senhor, que, desde o início, havia se mostrado favorável às idéias do Pe. van Ginneken, faleceu em 1928 e um outro bispo foi eleito para ocupar o seu lugar. Designado por Roma, o senhor J. Aagenent era sociólogo e professor de seminário que, após inspecionar a sua diocese, chamou as mulheres da Sociedade para uma conversa sobre a proposta que direcionara as atividades do grupo até então. O Professor J. Aagenent disse não concordar com as atividades de catequese com moças não católicas porque, segundo ele, as moças católicas estavam necessitando de uma maior educação do que a oferecida nas dioceses. Nesse sentido, ele propunha organizar, “A juventude feminina católica de sua diocese, todas as garotas

⁵ O Pe. van Ginneken, em sua conf. N ° 18, O Moderno Movimento de Mulheres , afirma-se contrário à leitura de romances como forma de passatempo das mulheres.

⁶ Esse número de participantes será alterado posteriormente, especialmente após a fundação do Graal, em 1929. Essa referência numérica feita pelo Pe. van Ginneken na Conf. N ° 20 diz respeito às primeiras integrantes e, quem sabe também, às mais atuantes. Percebe-se que a composição do Graal, desde a sua origem, será temperada com mulheres atuantes e as simpatizantes. Essas últimas sendo aquelas que, apesar de participarem de alguns eventos, não se envolvem de maneira radical com o Movimento.

católicas romanas em todas as paróquias católicas romanas, e as educassem para encarar as circunstâncias da vida nos tempos modernos” (DONDEERS,1979: 13).

A ala conservadora da Igreja Católica holandesa, que não havia conseguido conter a ampliação da Sociedade Senhoras de Nazaré, com as críticas continuamente lançadas a essa instituição, via uma chance de lhe impor aquilo que ela encarava como um de seus maiores desafios: a educação da mulher católica dentro dos princípios cristãos tão ameaçados pela sociedade que se modernizava! Essas mudanças não agradaram ao Pe. van Ginneken nem às Mulheres de Nazaré, pois restringia a perspectiva de ação do grupo, fazendo-as abandonar o trabalho com as operárias não católicas. Além disso, o grupo era convidado a trilhar pelos mesmos caminhos do “catolicismo defensivo” tão criticado pelo Pe. van Ginneken em uma de suas conferências.⁷ Essa proposta feita pelo novo bispo da diocese de Haarlem, e que revela uma nova estratégia política da Igreja, restringe as possibilidades de atuação do grupo através de uma prática que visava atingir apenas a juventude feminina católica local, deixando de lado as não católicas. Obedientes à hierarquia, o Pe. van Ginneken e as mulheres de Nazaré resolveram acatar as sugestões da Igreja. Entretanto, a tarefa é mais difícil na medida em que pretende envolver todas as moças católicas no projeto de conversão do mundo. Uma tarefa que o Pe. van Ginneken colocará nas mãos das Senhoras de Nazaré.

3. O MOVIMENTO DO GRAAL

O Movimento do Graal foi fundado em 1º de março de 1929, na Holanda, 08 anos após a fundação da Sociedade Senhoras de Nazaré, propondo “organizar as moças católicas num moderno movimento de juventude” para “ganhar o mundo para Cristo!” (Idem: 6). O Pe. van Ginneken, utilizando-se dos seus conhecimentos em filologia, encontrou na lenda medieval do século XIII — a lenda do Graal — um significado que ele considerou em profunda sintonia com os ideais do Movimento. Nesse sentido, as mulheres do Graal foram desafiadas a trazer o simbolismo da lenda para as suas vidas e, como “Parsifal”, foram incentivadas a se colocarem diante dos acontecimentos do mundo não numa atitude de passividade, mas como alguém que busca curar a si e aos sofrimentos humanos. A palavra

⁷ Conf. N° 22, A Rígida Espiritualidade e a mais livre mulher do mundo.

curar (do latim *curare*) significa restabelecer a saúde, livrar de doença.⁸ Nesse sentido, essas significações atendem aos propósitos do Graal de ser um Movimento que se põe a serviço e com o objetivo de recuperar a saúde espiritual do mundo, convertendo-o . A denominação GRAAL refere-se, ainda, “ à sua teoria crítica do ‘renascimento’ da cultura matrilinear.” (Apud Miller,1994:7). Ao combinar as representações da lenda com a perspectiva matrilinear, o Pe. van Ginneken afirmava que

(...) o templo do Graal está localizado no centro de um novo mundo e é por isso que nós escolhemos o nome GRAAL, que indica o renascimento em uma base matrilinear, trazida por todas as inocentes. Elas enfrentarão a velha Igreja não em substituição aos padres, mas com os padres (Idem).

O Pe. van Ginneken, com esses dizeres, quis reafirmar a prática do Graal em estreita consonância com a Igreja Católica, em que esse apostolado não deveria estar em oposição ao dessa instituição religiosa, porém inserindo-lhe novos elementos. Mas parece haver aí uma contradição! A Igreja holandesa, fechada e extremamente clerical, era contrária aos métodos utilizados pelo Pe. van Ginneken. De acordo com DONDERS (1988), a lenda do Graal, por exemplo, “cheirava a heresia”; e também a estrutura do Movimento que fugia às normas de uma ordem religiosa comum, no que diz respeito à ausência de um diretor espiritual, também era motivo de críticas. Percebe-se, com isto, que o Pe. van Ginneken é estratégico ao assegurar para o Graal essa inserção ambígua dentro da hierarquia católica, uma vez que isso é que certamente assegurava a continuidade desse movimento leigo de mulheres em um contexto fundamentalmente marcado pela hegemonia masculina dentro dessa instituição, além do que o apostolado de leigos e especialmente de mulheres leigas era algo extremamente recente. Sendo assim, o Movimento do Graal era um movimento leigo da Igreja católica mas que mantinha uma independência política desta. Essa característica não deveria ser revelada mas, a que demonstrasse a obediência das mulheres à hierarquia pois, sempre que possível prestariam contas das suas ações aos bispos das respectivas dioceses onde o Movimento se fizesse presente.

A partir da fundação do Graal, configuram-se duas organizações vinculadas entre si: a Sociedade Senhoras de Nazaré, formada por mulheres católicas e de feição mais homogênea e o Graal, que seria nucleado pelas mulheres de Nazaré, de onde as orientações de suas ações partiriam, sendo de caráter mais heterogêneo, com o objetivo de

⁸ Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (1975).

convencer e converter todas as moças católicas da diocese a terem uma inserção mais consciente na sua função para o projeto de santificação do mundo.

As mulheres que se interessaram pelo Graal foram mobilizadas através de uma ação pastoral caracterizada através de missas, procissões e danças sagradas realizadas em grandes estádios de futebol — local capaz de agremiar um número expressivo de mulheres — além de contatos pessoais. Possivelmente, as diferenças individuais não eram um elemento a ser considerado, mas tão somente a idéia da conversão. Como já discutido, o discurso proferido por van Ginneken pretendia atingir as mais ricas, tirando-as do ócio e fazendo-as se dedicarem às demandas sociais e espirituais da época, além de aproximá-las das mulheres mais pobres, negando as possibilidades reais das diferenças de classe e anulando, portanto, as discussões em torno do socialismo e comunismo. Observemos, por exemplo, o depoimento de uma das integrantes, Rachel Donders, e como ela revela os seus contatos iniciais com esse grupo de mulheres:

Já tive também em relação ao Graal um “conhecimento do amanhecer” [grifos da autora]. Retorno por isso, a 1930... tinha, então 19 anos e encontrei o Graal nas pessoas de Lydwine van Kerlsbergen, Mia van der Kallen e Lioba Pen. Uma noite, vieram as três à cidade onde eu vivia (...) falar sobre um movimento de juventude que estava começando na diocese de Haarlem. (...) Fiquei imediatamente fascinada por estas pessoas (DONDEERS, 1988:1).

A idéia de fascinação parece estar ligada ao projeto de vida de cada mulher que se via diante das idéias do Graal. Para a autora citada, esse movimento oferecia idéias novas para uma compreensão e vivência da fé. Para outras, provavelmente, a participação suscitava a busca de respostas às indagações do feminino, seja no terreno religioso, seja no que diz respeito à participação da mulher no mundo. Uma inquietação gerada no seio de uma sociedade em processo de transformações profundas, trazendo, conseqüentemente, uma mudança de mentalidade. Enquanto uma parcela da sociedade e da Igreja exigia da mulher “modéstia, moderação, conservar-se em último lugar, ir à Igreja sossegadamente, com a cabeça coberta(...)” (Id.:5), o Graal, ao que tudo parece, apontava-lhes um outro caminho, novo e, em alguns aspectos, diferente, ainda não trilhado por essas mulheres. Possibilitava a elas certa independência da família, uma vez que era preciso sair de casa, viajar para contactar novos grupos, realizar reuniões de preparação para os eventos nos estádios. Uma atitude considerada importante no projeto pedagógico-educativo do Pe. van Ginneken, que também incentivava as mulheres a enfrentarem os desafios impostos pela sociedade em

processo de modernização, saindo, por exemplo, dos limites de sua própria segurança. Porém, como ficará claro em uma de suas conferências, tal atitude não deveria ser descolada do pensamento voltado exclusivamente para Deus e se sentindo como um instrumento a ser usado por ele.⁹

A dimensão pedagógica do projeto pedagógico-educativo criado pelo Pe. van Ginneken estava na intenção de formar mulheres para atenderem às expectativas e aos interesses de uma ala da Igreja Católica que, naquele momento, se via obrigada a reordenar a sua prática pastoral para atender às novas demandas sociais.

4. REPRESENTAÇÕES DO LUGAR DA MULHER NA SOCIEDADE¹⁰

Ao lado da poderosa marca do homem a mulher também quer
deixar a sua marca gentil no destino da humanidade, através dos
tempos¹¹

Ao iniciar a exposição das conferências para as Senhoras de Nazaré, o Pe. van Ginneken as cumprimenta com a saudação “queridas crianças!” e deixa escapar a sua concepção do lugar social da mulher. Esse lugar será melhor delineado nas conferências aqui analisadas, em que o autor toma como referencial alguns dos acontecimentos sociais e políticos ocorridos na Europa durante o final do século XVIII e XIX e início do século XX. Segundo ele, a Revolução Francesa, o Liberalismo e o Socialismo buscaram responder aos interesses dos homens e os valores considerados por esses movimentos eram essencialmente masculinos. No que se refere ao Socialismo, van Ginneken afirma que este era limitado em suas perspectivas políticas e sociais, pois “só sabia pedir pão, dinheiro, menor jornada de trabalho e conforto, alimentando o descontentamento e o ciúme entre as classes” (V.GINNEKEN, 1932:1). Da mesma forma, a proposta de educação feminina também apresentava os limites do seu tempo, uma vez que a mulher era educada para ser uma “boa anfitriã”, para não entender o marido com questões “estúpidas”, enfim, uma educação que permitisse à mesma estar próxima do marido, beneficiando-a, mas sem sair do lugar demarcado para o seu sexo na sociedade da época. De acordo com van Ginneken,

⁹ Conferência nº 23- A Múltipla Formação dos Núcleos.

¹⁰ Para a abordagem desse tema, tomou-se como referência principalmente as Conferências de nº 18 (O moderno movimento de mulheres) e de nº 25 (Contato com o mundo das jovens mulheres levado até onde é possível).

¹¹ Uma canção do Graal citada pelo Pe. van Ginneken na Conf. nº 18, O Moderno Movimento de Mulheres.

mesmo algumas feministas do século XIX tiveram dificuldade para perceber os limites dessa proposta educativa.

Segundo o conferencista, esse contexto favoreceu para que, “gradualmente”, uma “cultura matrilinear voltasse a se desenvolver fora da Igreja católica, desta vez na forma de um movimento de mulheres” (Idem). Entretanto, como afirma o Pe. van Ginneken, a palavra feminismo deve ser evitada para não enfurecer os clérigos da Igreja. Eles acreditam que o feminismo está “ainda em sua primeira fase”, ou seja, é o “feminismo contra os homens”. O apostolado leigo das mulheres do Graal, segundo ele, deve estar inserido em uma visão de feminismo em sua terceira fase, assim descrita por Hilda van Svylenburg, que é a autora do livro mais antigo sobre o assunto na Holanda. O Pe. van Ginneken, fazendo uma interpretação da obra dessa autora, afirma que, numa primeira fase, o slogan era: “a mulher é igual ao homem”. Durante esse período, (mais ou menos de 1850 a 1900) variando-se de acordo com os países, as mulheres lutaram contra os homens dizendo: “— o que vocês podem fazer nós também podemos” (V.GINNEKEN,1932:10). De acordo com o conferencista, esse foi o grande erro do feminismo em sua primeira fase e a Igreja Católica se utilizou disso para criticar o movimento. O Padre afirma ainda que a Igreja Católica estava correta ao demonstrar a inutilidade desse feminismo, pois a afirmação da igualdade contraria as naturezas feminina e masculina, uma vez que ambos os sexos são naturalmente distintos entre si.

Na segunda fase, o slogan era, “a mulher conhece a si mesma”. Este foi um momento, de acordo com van Ginneken, em que as mulheres foram incentivadas a não se afirmarem iguais ao homem, não assumindo por isso “profissões masculinas”; no entanto, buscando conhecer a si mesmas e desenvolver o seu caráter feminino. Também nessa fase as mulheres erraram se isolando dos homens, como afirma o conferencista. A terceira fase foi nomeada por van Ginneken de “influência feminina” e somente foi legitimada na grande conferência de mulheres — o Congresso Internacional de Mulheres de 1929 — onde todas as diferentes Ligas e Comitês aceitaram o propósito seguinte: “Deixe a influência feminina fazer a sua marca no mundo ao lado da influência masculina”. Segundo van Ginneken, ninguém pode falar desse feminismo porque ele é cristão e está de acordo “com o Evangelho o quanto é possível.”

O conferencista argumenta, ainda, que a saída das mulheres para o espaço público e o surgimento de uma “civilização com uma orientação mais feminina” foi garantida

sobretudo pelo desenvolvimento de bens tecnológicos que liberou as mulheres das tarefas domésticas. Em algumas das passagens de sua conferência, ele chega a afirmar que o trabalho nas fábricas fez com que a mulher saísse de casa para “ganhar muito dinheiro e, algumas vezes, mais do que o homem”. Tais afirmações parecem revelar certa preocupação com o lugar pouco expressivo ocupado pela mulher na sociedade, além de um otimismo confim, porém ambíguo, em relação à saída das mesmas do ambiente doméstico, especialmente para o espaço da fábrica. No que diz respeito ao trabalho operário no período entre guerras, de acordo com Sohn (1991), as contratações de mulheres na Inglaterra e na França, em atividades especializadas, obedeceram a uma lógica capitalista em que as empresas as empregam “para reduzir os seus custos” (SOHN,1991:122). Sendo assim, as mulheres operárias foram obrigadas a trabalhar ultrapassando a carga horária normal de trabalho e por um salário inferior ao dos homens.

Entretanto, é bom salientar que o desenvolvimento da indústria de bens de consumo doméstico não foi um presente dado a todas as mulheres como o conferencista faz parecer. Foi o encaminhamento histórico do desenvolvimento industrial que fez com que essas transformações acontecessem “beneficiando” particularmente as mulheres das classes mais abastadas. As mulheres pobres, no entanto, continuaram realizando tarefas domésticas de maneira “ultrapassada”, uma vez que não tinham condições financeiras que garantissem a compra de equipamentos considerados de última geração para a época.

A experiência cotidiana de realizar e realizar-se nas tarefas domésticas parece ter sido um aprendizado comum a todas as mulheres. No final do século XIX e início do século XX, por exemplo, a maioria delas elaborou essas tarefas em detrimento do desenvolvimento das suas capacidades intelectuais. E as mulheres, por terem sido impedidas de serem atuantes e produtoras na sociedade da época, possivelmente tiveram também dificuldades para enxergar novas possibilidades colocadas para elas no mundo moderno. Os trabalhos domésticos, de acordo com BEAUVOIR (1949), encerraram a mulher na “repetição e na imanência” e o conferencista acerta ao falar em realização, uma vez que é nesse fazer repetitivo e cotidiano que a mulher percebeu-se ela mesma. De acordo com o Novo Dicionário Aurélio (1975), a palavra “realizar” tem o significado de tornar real, efetivo, existente. Sendo assim, a percepção do ser mulher, o seu existir, estava fundamentalmente ligada à responsabilização por essa tarefa cotidiana imutável.

Enfim, todas essas mudanças no campo do desenvolvimento tecnológico foram demonstradas por van Ginneken para argumentar que a mulher da época encontrava-se finalmente mais livre para dedicar-se ao apostolado leigo do Graal. O Padre está certo de que as mulheres, a exemplo das líderes do Graal, não têm mais nada a fazer em casa e, sendo a mulher “naturalmente” mais ativa do que um homem, ela precisará de uma outra atividade em que possa utilizar todo seu potencial. Verifica-se que o projeto pedagógico-educativo de van Ginneken não objetiva inovar sobre os papéis sexuais atribuídos a homens e mulheres na sociedade. E, ainda, não toca numa questão conflitiva que é a maneira como estes foram educados para conviverem numa sociedade. Dessa forma, percebe-se que o projeto da Igreja Católica não objetiva intervir nos conflitos sociais para provocar mudanças na sociedade, e isso é verdadeiro, especialmente no campo das relações de gênero em que essa instituição, concebendo lugares diferenciados para o masculino e feminino na sociedade, fomenta, conseqüentemente, relações desiguais entre eles. No caso das conferências aqui analisadas, pede-se às mulheres do Graal que tolerem a impertinência masculina e isso fica evidente na canção citada por van Ginneken: “Ao lado da poderosa marca do homem, a mulher também quer deixar a sua marca gentil.” A mulher, nesse projeto pedagógico-educativo, deve buscar ser aceita sendo gentil e a luta pela garantia dos direitos não é o seu papel nesse projeto. A visão de van Ginneken reforça uma concepção de homem poderoso e uma mulher submissa e ele, falando sobre a terceira fase do feminismo aceitável para a Igreja Católica, porque está de acordo com o Evangelho, diz que a mulher quer deixar a sua marca ao lado da poderosa marca do homem. E continua: “acrescentem aleluia e vocês farão um mundo mais feliz.”

5. A IMPORTÂNCIA DO GRAAL COMO UM MOVIMENTO LEIGO DE MULHERES

Senhor, deixai-me crescer para ser aquilo a que me destinaste
(Oração do Graal, apud DONDERS: 1988).

Nas conferências aqui analisadas, “a emancipação da mulher leiga na Igreja Católica” e “a atitude do Papa com relação ao apostolado de leigos”, o Pe. van Ginneken reafirma, com mais veemência, sobre a importância das mulheres do Graal manterem a característica da laicidade na identidade do Movimento. Dada a recenticidade da criação desse apostolado pelo Papa Pio XI, em Dezembro de 1922, percebe-se a preocupação do

conferencista em demarcar esse lugar. Segundo ele, “leigos são aqueles que não são padres” (V.GINNEKEN,1932:2) e que, portanto, não estão sob “as leis cânones.” Como ele mesmo afirma, “a novidade na Igreja Católica é que as pessoas leigas formam agora um tipo de hierarquia...” (Id.:3.) que, no caso do Graal, mulheres assumem uma liderança entre elas mesmas sem a interferência oficializada da Igreja Católica e, como na Lenda, são aquelas que compõem a mesa redonda. E, sendo assim, esse movimento pretende marcar sua diferença das Ordens Terceiras Franciscanas, ao dispor de uma estrutura composta somente por mulheres leigas, ao contrário dessa outra que, desde a sua fundação, vem sendo uma ordem religiosa rodeada por leigos.

Toda a argumentação do conferencista vai em quatro direções: primeiramente, ele busca demonstrar o processo pelo qual o povo leigo perdeu o seu espaço na Igreja Católica. Em seguida, afirma que as mulheres leigas tiveram um papel expressivo na Igreja primitiva pois, nas quatorze cartas de São Paulo, nada menos que vinte e duas mulheres leigas são mencionadas por terem-no ajudado heroicamente e por todo o seu poder em divulgar o Reino de Deus” (V. GINNEKEN,1932:1). Além disso, alerta as mulheres do Graal para permanecerem leigas podendo, com isso, manterem certa autonomia da Igreja. E, finalmente, previne-as de que, como movimento leigo de mulheres, podem repor as diaconisas da velha Igreja.

Percebe-se que o discurso de van Ginneken caminha no sentido de demonstrar a importância da publicação da encíclica *Ubi Arcano Dei*, do Papa Pio XI, que ele chama de “a grande revolução” e que, além de instituir e oficializar a atividade de pessoas comuns junto à hierarquia católica, buscou romper com uma visão que qualificava os leigos de inferiores. O conferencista afirma, também, que “a ênfase do apostolado leigo repousa nas mulheres, já que todos os homens chamados a difundir o reino de Deus tornam-se, por fim, padres” (Idem:9). A experiência de van Ginneken com os Cruzados de São João demonstrou isso.¹² Ele, que pretendia iniciar suas idéias para o apostolado de leigos com os homens, concluiu que todo homem “saudável” e bem “educado” torna-se por fim um padre. Sendo assim, a opção de van Ginneken para investir no apostolado leigo de mulheres tem a ver também com esse insucesso de tornar homens apóstolos. Fato que tornava essa missão, na visão desse conferencista, uma questão diferenciada para ambos os

¹² Uma das instituições leigas fundadas pelo Pe. van Ginneken em 1919 destinava-se aos meninos e adolescentes filhos de operários/operárias que já houvessem concluído o ensino primário. O objetivo dessa instituição era amparar adolescentes acima dos 14 anos, ajudando-os a aprender uma profissão. Essa instituição, em 1952, adquiriu o caráter de instituto secular.

sexos. A oração do Graal em destaque no início desse texto revela a idéia do apostolado leigo como um destino colocado por Deus na vida das mulheres. Esta é a tônica do discurso do Pe. van Ginneken, ou seja, o apostolado de leigos “repousa” nas mulheres e, portanto, trata-se de uma missão a ser assumida por elas em suas vidas.

O conceito de emancipação trazido por van Ginneken nas conferências é definido a partir do exemplo de vida de algumas mulheres. As freiras missionárias são as primeiras a serem citadas como exemplo de emancipação, em decorrência do estilo de vida marcado pela vivência em comunidade e pela prática de apostolado desenvolvida no mundo e sem os limites da vida conventual. Assim como as freiras missionárias, as mulheres do Graal deverão ter um coração aberto para exercerem os seus apostolados onde for necessário. Outras mulheres também destacadas por van Ginneken são Christine de Pisan e Mary Ward que foram consideradas “como duas importantes feministas da Igreja Católica, além de precursoras do movimento de leigas católicas” (Miller, 1994: 11). A primeira delas, Christine de Pisan,¹³ “pode ser considerada como uma das primeiras feministas, no sentido de ter um discurso conscientemente articulado em defesa dos direitos da mulher.” (ALVES & PITANGUY, 1982:18.) De acordo com essas duas autoras, Christine de Pisan, que era escritora, mantendo a si e a sua família com os ganhos da sua profissão, defendia a necessidade de homens e mulheres possuírem uma mesma educação na sociedade, discordando daqueles que afirmavam sobre a inferioridade feminina. Escrevendo durante o século XV, investiu na produção de compêndios contendo conselhos e advertências morais para as mulheres da época. As produções dessa escritora, de acordo com Algranti (1993), revelam um contexto social em que as mulheres são orientadas a levar uma vida de reclusão e fechamento, para serem consideradas dignas.

Mary Ward,¹⁴ a outra “feminista católica” citada por van Ginneken, contava com a máxima admiração desse jesuíta e, segundo Miller (1994), essa feminista teve como utopia a criação de uma ordem religiosa feminina ligada diretamente ao Vaticano, em que as mulheres se dedicavam a atividades consideradas inferiores na sociedade do século XVII, como, por exemplo, o operariado e serviços domésticos. Entretanto, num período extremamente conturbado, como foi o período da Reforma Protestante, essa mulher é

¹³ ALVES & PITANGUY (1982) afirmam que Christine de Pisan foi uma escritora famosa do século XV e que se tornou a primeira mulher a ser indicada poeta oficial da corte. Escreveu *A Cidade das Mulheres* e defendia a igualdade entre os sexos.

¹⁴ Segundo BIHLMEYER (1964), Mary Ward foi a fundadora de uma ordem religiosa que pretendia educar a juventude feminina.

condenada por pretender instituir uma espécie de estrutura para ordens religiosas que ainda não existia na Igreja Católica da época. No caso de Christine de Pisan, que, apesar de ter sido uma voz em defesa dos direitos da mulher numa época em que a maioria delas se mantinha numa ignorância absoluta, percebe-se que esta acabou reproduzindo e reafirmando o lugar de subordinação para a mulher, ao impor códigos de honra para elas serem respeitadas na sociedade do século XV.

Embora nas conferências aqui analisadas o Pe. van Ginneken não traga essa reflexão, fica perceptível que, como filhas do seu tempo, essas duas mulheres foram sensíveis à causa feminina já detectando em suas épocas a influência da mulher na sociedade. Através do exemplo de vida dessas duas mulheres, Van Ginneken formou as integrantes do Núcleo do Graal para alimentarem os seus apostolados com valores tais como sabedoria, honra e castidade. Nota-se que o pensamento do conferencista demonstra apresentar contradições quando se trata de evidenciar as representações de mulher para o Movimento do Graal. Se, por um lado, ele ressalta elementos como obediência, submissão, inocência, por outro, ressalta também qualidades como a força, o pensamento técnico, a sabedoria, a influência, embora a castidade permaneça nesses dois modelos. Através dessas contradições, certamente ele pedia às mulheres que, sendo fortes, sábias, influentes e castas, não deixassem de ser femininas.

Embora o Pe. Van Ginneken não sintetize o ideal de vida celibatária para as mulheres integrantes do Núcleo do Graal, percebe-se que ele evidencia essas idéias ao afirmar, em outras palavras, que o apostolado leigo é para as mulheres. De acordo com ALGRANTI (1993), “ poucas vezes o discurso sobre o controle da sexualidade aparece de forma explícita nos regulamentos de vida religiosa comunitária.” (ALGRANTI,1993:205.). Ou seja, é para elas especialmente que as proibições são dirigidas. Espera-se da mulher o controle da sua sexualidade e, mesmo após o casamento, a vivência é para fins de procriação. A autora citada, fazendo referência ao pensamento foucaultiano, afirma que

o discurso sobre a sexualidade é o ‘ discurso do silêncio’, no qual se apreende o sentido das advertências bem mais por aquilo que não é dito do que pelo que é realmente expresso (Id.).

No caso do Graal, o cerceamento à vivência da sexualidade é explicitado através das recomendações contínuas de que o apostolado leigo pede uma entrega incondicional a Deus. Está bem claro que, optando por esse estilo de vida, fica excluído o casamento e outras possibilidades de relacionamento homem e mulher. DE BIASE (1995) demonstra

também, através dos seus estudos sobre o protagonismo feminino laico na Itália do início do século, que a busca de emancipação da mulher na Igreja Católica será contínua e pontuada de avanços e recuos. Os estudos dessa autora demonstram o ir e vir das mulheres. Demonstram também que, apesar das determinações impostas por essa instituição, elas continuamente refletiram o que é ser mulher na sociedade e, especialmente, na Igreja.

Não tendo a pretensão de ser um movimento que reúne mulheres a fim de reivindicar a sua emancipação na sociedade, o Movimento de juventude feminina do Graal se distingue pois, dos movimentos de mulheres e, também, em alguns aspectos, das ordens religiosas da Igreja. A idéia da conversão pressupunha a identificação de cada uma das mulheres com o projeto de santificação que, na definição de van Ginneken, compreendia “a rendição cega à Providência Divina” e o sofrimento por ser tratada como uma “tola”, ou seja, aquela que tolera, que possui tolerância diante dos limites dos outros, algo a ser diariamente trabalhado. Portanto, o foco central do projeto não estava nas grandes manifestações que ocorriam nos estádios e que reunia um grande número de mulheres; estava no trabalho miúdo e mais difícil, posto em prática dentro das comunidades. Essa dimensão cotidiana do projeto pedagógico-educativo do Pe. Van Ginneken será melhor delineada nas Práticas de Ação do Movimento do Graal, momento em que o conferencista explicita de maneira mais marcante a essência doutrinária desse movimento.

6. PRÁTICAS DE AÇÃO DO MOVIMENTO DO GRAAL

Nas conferências aqui analisadas, “A rígida espiritualidade e as mulheres livres no mundo” e “a múltipla formação dos núcleos”, o Pe. Van Ginneken revela de que maneira as mulheres do núcleo podem envolver as mulheres do Graal no mesmo propósito da conversão. E ele ensina que “a primeira condição necessária para um núcleo,... é que ele tenha o poder de gerar vida” (V.GINNEKEN,1932: 1). Assim, as mulheres são desafiadas a se manterem como velas acesas irradiando vitalidade e energia a ponto de animar e contagiar todas as outras mulheres. Como isso poderia acontecer ? O Pe. Van Ginneken responde:

Como uma entrega total de si mesma, do próprio exterior, a Deus, durante a execução das responsabilidades concretas exteriores do dia-a-dia. Estar interiormente em entrega total a Deus enquanto se está, externamente, absorvida pelas responsabilidades concretas do

dia-a-dia,... Eis a verdadeira atitude, o cerne da questão; não se extasiem, a periferia nada pode fazer com seus êxtases, mas surpreendam-se e maravilhem-se. (Idem).

O conferencista alerta as mulheres do Núcleo a não se entregarem a uma espécie de misticismo contemplativo, mas a viverem a experiência de relacionamento com Deus de forma partilhada com as outras mulheres do grupo. A tarefa cotidiana nos centros do Graal, através do envolvimento e dedicação para com as novas integrantes, era parte dessa vivência e, por isso, não se constituía numa prática de isolamento. De acordo com as suas concepções, a vida em comunidade liderada pelas mulheres do “núcleo” deveria servir de exemplo para as mulheres da “periferia”. Entende-se que a idéia da periferia está intimamente ligada à compreensão do papel do núcleo no Graal. O núcleo é a centralidade geradora de vida e fortaleza espiritual cujo papel é animar e contagiar as que se encontram ao redor dessa centralidade mas que desejam também participar do centro, contribuindo para a formação de novos núcleos.

Van Ginneken sabia que as mulheres do núcleo tinham uma dura tarefa pela frente. Nesse sentido, ele dizia que elas, a todo tempo, estariam andando sobre “alfinetes” e “agulhas”. Muito embora às jovens iniciantes seja ensinada a tarefa de como andar sobre alfinetes e agulhas, fala-se que, inicialmente, as mulheres do núcleo deveriam ter uma postura condescendente para com essas jovens. Ou seja, era preciso admitir as dificuldades para se ter essa postura de ser vela o tempo todo. Ele sugere que, através de certos pactos individuais, as Senhoras de Nazaré poderiam santificar as jovens iniciantes: “ reze por mim, para que Nosso Senhor possa acender essa vela em mim novamente e eu farei o mesmo por você”.¹⁵

A formação proposta no projeto pedagógico-educativo do Graal concebe uma idéia de crescimento sem considerar a emergência da subjetividade das mulheres participantes do processo. O tempo para o ócio não existe e cada uma delas tem um papel a cumprir que visa ao benefício da outra, sendo, por isso, um mal pensar nela mesma, considerando as suas questões individuais como sendo prioritárias. Concebendo que a entrega incondicional poderia não ser aceita por todas as mulheres, Van Ginneken alerta também às mulheres do núcleo para as possíveis dificuldades com aquela jovem que, segundo ele,

¹⁵ Conf. Nº 23, p. 3. Van Ginneken as orienta ainda a terem um caderno de anotações de modo a que fique registrado o processo de crescimento de cada uma das mulheres com vistas à santificação.

não pode acreditar na possibilidade da atual conversão do mundo, pois ela estará lá como uma crítica vívida, como um pedaço apodrecido entre aquelas crianças que estão cheias de ideais (V.GINNEKEN,1932:9).

Fica evidente que o projeto pedagógico-educativo não administra mulheres que questionam os seus pressupostos, por isso elas devem ser afastadas para não contaminarem as demais, pondo a perder todo o trabalho já iniciado. O conferencista fala, ainda, às mulheres do núcleo do Graal que cada uma delas, a exemplo de Maria, deve-se colocar como serva de Deus, não permitindo que isso fique apenas em palavras, mas que seja uma prática contínua. Elas têm que estar dispostas a viver o sacrifício e a não temerem a cruz, concebendo que o apostolado do Graal é pontuado de sacrifícios e de renúncias. O conferencista refere-se a Deus como o “caçador celestial”, o “caçador divino”. As mulheres do Graal serão aquelas que, não temendo as flechas desse caçador, lançam-se e se entregam para serem atingidas e feridas, sugerindo um mesmo movimento de entrega do amor humano. Através dessas representações, percebe-se que nada é mais inovador em seu discurso. Ao invés do Deus rabugento, vingador, impiedoso e cruel, muito presente no pensamento católico da época, o Deus revestido de uma imagem que seduz. Ele afirma:

O mundo adora ver aqueles que se dão e cada coração feminino se alegrará com vocês e vocês as ganharão para Cristo e todas elas quererão se tornar sacrifícios de amor e quererão ser feridas pelo caçador divino (Idem: 11).

Percebe-se que o discurso de Van Ginneken é bastante otimista com relação à participação da mulher no projeto de conversão do mundo. Projeto este que, muito embora traga as ambigüidades de um movimento leigo, com características religiosas, parece tocar também no ponto fraco das mulheres. Se a Igreja as chama para darem as suas contribuições na tarefa de conversão do mundo, por que essa entrega tão ilimitada e para além dos limites do humano? Simone de Beauvoir nos responde através das reflexões presentes em sua obra intitulada *O Segundo Sexo* (1949), e fala-nos dessa experiência da relação mística com Deus que mulheres buscam experimentar. Segundo ela,

O AMOR foi apontado à mulher como sua suprema vocação e, quando o dedica a um homem, nele ela procura Deus: se as circunstâncias lhe proibem o amor humano,... ela escolherá adorar a divindade. Por certo, houve também homens que se queimaram na mesma chama, mas são raros e seu fervor assumia uma forma intelectual muito depurada. Ao passo que são muitas as mulheres

que se abandonam às delícias das núpcias celestiais. (BEAUVOIR, 1949: 439.).¹⁶

Às análises apontadas por Beauvoir (1949) sobre o desejo de mulheres em querer experimentar uma relação mais real e humana com Deus, pode-se acrescentar os estudos realizados por Algranti (1993) sobre a condição feminina nos conventos e recolhimentos durante o período colonial, em que é possível identificar, na mentalidade da época, a idéia de submeter mulheres à condição de santas, ainda que estas não o quisessem. No caso do Movimento do Graal, é provável que o Pe. Van Ginneken se espelha em sua própria experiência enquanto um padre da ordem dos jesuítas para criar um sistema de regras religiosas voltadas para a santificação de mulheres leigas.

Todo o projeto pedagógico-educativo do Graal se exprime também nesse zelo pela conversão do mundo. O mundo nesse sistema de idéias, de forma estratégica, não é concebido como o lugar do mal. E muito embora enxergue as mudanças no terreno dos costumes empreendidas pelo processo de modernização como uma quebra de valores vitais para o funcionamento organizado da sociedade, essa questão não fica patente no projeto. As mulheres são formadas para não temer o mundo, uma vez que precisarão atuar nele. Como o Pe. Van Ginneken mesmo diz, “ter o mundo nas mãos” para transformá-lo. Entretanto, para não se tornarem mundanas, é-lhes cobrado um rigor espiritual a fim de que seja assegurado o projeto de conversão nos moldes previstos pelo fundador.

7. EMANCIPAÇÃO VERSUS A SANTIFICAÇÃO: “A QUEM SERVE O GRAAL?”

O problema da identidade do Graal está nos estreitos limites que seu fundador quer dar entre um movimento católico de mulheres leigas e um movimento de mulheres. Nota-se que, para falar de movimento de mulheres, ele utiliza adjetivações presentes na época — movimento feminista e feminismo — dando-lhe outros sentidos que deveriam ser explícitos às lideranças do Graal, mas não tão claros para as integrantes do Movimento.

¹⁶ BEAUVOIR (1949: p. 439). A biografia do Pe. Van Ginneken, por exemplo, foi escrita por Rachel Donders, uma das mulheres integrantes do núcleo do Graal. Em algumas passagens dessa biografia, é possível notar essa busca de relação de amor humano com Deus, especialmente quando ela descreve sobre a decisão do Pe. Van Ginneken entrar para a Ordem dos Jesuítas e, por isso, dedicar-se totalmente a Deus. Vejamos: “ com o seu coração ardendo com um amor genuíno por Cristo...” (1983: 2. grifos meus). Não seria o próprio coração dela que ardia? Em outro momento, consultando o jornal O Horizonte, encontrei um artigo sobre uma suposta escritora da década de 20 por nome de Ancilla Domini. A pessoa conta que, uma vez, ao entrarem seu quarto, encontraram-na de chapéu, em frente ao toucador. Quando a perguntaram sobre as razões da sua atitude, respondeu que tinha se arrumado para Deus, para o Nosso Senhor!

Essa estratégia marca as origens do Movimento do Graal, profundamente influenciado por seu fundador naquilo que ele discute em suas conferências, discursos e palestras. Qual o raciocínio ou a lógica para discutir o lugar da mulher? Podemos apontar duas idéias fundamentais, a de que o objetivo do Movimento do Graal é a formação do apostolado leigo — converter o mundo para Cristo — e a de que o Movimento do Graal deve traduzir a expressão de uma nova mulher no contexto que a Igreja precisa se modernizar para cumprir a missão de difundir a fé. Mas como se modernizar? Não se afastando do contexto moderno como fizeram os católicos conservadores, mas, pelo contrário, identificando-se com os novos movimentos, enquanto estratégia de ação, mesmo que não se concorde com as novidades. O Pe. Van Ginneken destaca o desenvolvimento industrial e tecnológico, trazendo conseqüências irreversíveis para a mulher e para a família. Além desses, destaca os novos reordenamentos político-econômicos, tais como o capitalismo e o comunismo. A Igreja deve se aproximar de ambos e se colocar acima deles.

O racionalismo e a técnica são partes do mundo em processo de modernização, mas o Pe. Van Ginneken chama a atenção para a emergência de um movimento novo, cujo paradigma se assenta na crença do declínio do poder ilimitado da racionalidade técnica e no progresso, e, por outro lado, no surgimento de uma nova forma de pensar que contempla dimensões mais espirituais. Segundo Van Ginneken, o Graal é uma nova geração, tanto no sentido de gerar novas ações como no de trazer embutido um outro estágio para o movimento feminista, que é o da maneira de pensar feminina. De acordo com as idéias do fundador do Graal, o movimento de mulheres precisa sair do estágio em que esteve até então, ou seja, do lugar de uma crença radical de que “a mulher é igual ao homem”, para se concentrar naquilo que ele chama de 3ª fase, em que a mulher possui uma influência “gentil” ao lado da influência “poderosa” do homem. Este é o lugar do feminino, das atribuições particulares e peculiares à mulher: intuição, sensibilidade, espiritualidade, pureza, beleza radiante. Se o desenvolvimento tecnológico possibilitou ociosidade para certas mulheres, elas devem se ocupar com o Graal, devotando-se a essas virtudes. Segundo Van Ginneken, o Graal se coloca à frente dos movimentos feministas porque propõe fazer renascer o feminino e conter o racionalismo das feministas.

Nas conferências trabalhadas aqui, ficou bastante claro que, além dessa faceta feminista, tal qual descrito acima, percebe-se, também, toda uma similaridade com a vida religiosa conventual, embora isso seja terminantemente negado. O conferencista explica que a santificação, ou seja, a condição superior frente às pessoas comuns podia ser conseguida

com a prática dos sacramentos, da penitência, das mortificações diárias, da entrega incondicional a Deus e do sofrimento em lugar do outro, através das quais as mulheres chegariam a uma espécie de perfeição espiritual. AZZI (1984), em seus estudos sobre “A participação da mulher na vida da Igreja no Brasil (1870-1920)”, faz uma análise das práticas devocionais. Esse autor afirma que,

Em modo análogo ao que já foi assinalado com relação às devoções, também as novas associações religiosas trazem uma marca pietista muito forte. Se de um lado incentivavam as mulheres no fervor religioso, por outro, afastavam-nas de qualquer projeto de maior inserção e participação na vida política e social (AZZI, 1984: 111).

Ao que tudo indica, o projeto pedagógico-educativo para o Movimento do Graal guardava esse aspecto da prática religiosa pietista. E propondo uma relação intimista com o sagrado, esse Movimento, em suas ações, buscou intermediar duas propostas radicalmente distintas, a santificação e a emancipação, deixando uma herança marcada pela ambigüidade na identidade do movimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como forma de concluir esse artigo retorno, pois, às idéias anunciadas inicialmente sobre a dificuldade do Movimento do Graal, em períodos mais recentes de sua história: direcionar com segurança as práticas pedagógicas voltadas para a formação feminina, bem como ter uma posição de certa vanguarda na luta pelos direitos das mulheres. As raízes históricas dessa problemática podem ser identificadas na própria proposta pedagógico-educativa do Pe. Van Ginneken, que naturaliza os papéis sexuais, cabendo ao feminino a vivência de amor exacerbado, abnegação e sofrimento pelos outros, já que, de acordo com as suas concepções, as mulheres detêm nelas mesmas essas qualidades ou dons. A concepção de gênero está instalada nas origens do Movimento mediante os discursos que o Padre elaborou, diferentemente para homens e para mulheres. Segundo ele, enquanto os homens “lutam entre Deus e o Diabo”, as mulheres “seguram a balança”, conseguindo equilibrar o mundo com as suas virtudes femininas.

Entretanto, há que se considerar a especificidade desse movimento que reúne apenas mulheres e que pode nos apontar além dessa concepção histórica de mobilização feminina a partir de uma compreensão dos lugares diferenciados para homens e mulheres na

sociedade, também as diferenças intra-gêneros dentro de um pressuposto de “igualdade” entre as mulheres. Os estudos realizados por Guacira Lopes Louro (1995) sobre Gênero, História e Educação: construção e desconstrução, demonstram a importância dessas análises para a produção de uma história que extrapola a polarização das diferenças homem/mulher. Atinente a essa proposição teórico-metodológica, considero que as mulheres do Graal ressignificam as idéias do Pe. Van Ginneken a fim de torná-las viáveis numa sociedade em constante mutação. A concepção simplória sobre os gêneros e o pressuposto de igualdade entre as mulheres adotado pelo fundador em suas conferências, provavelmente, inviabilizou (ao longo da história do Movimento) muitas das estratégias pensadas por ele para o processo de formação. Ou seja, há um conflito declarado entre a mulher idealizada no projeto e a mulher real/concreta. Essas questões demarcaram o processo de construção do Graal no Brasil e em Belo Horizonte, no período de 1948 a 1970 e não apenas a idéia de comum-idade como queria o Pe. Van Ginneken. Através das fontes documentais, é possível identificar uma relação de tensão entre o “núcleo” e a sua “periferia”. Se a comunidade deveria ser o espaço que garantiria o aprendizado de como ser uma mulher do Graal dentro da idéia de solidariedade e unidade comum, para algumas moradoras, essa concepção era aceita como forma de crescimento e fortalecimento das relações humanas. Para outras, no entanto, fazer desse espaço uma hospedagem sem nenhum compromisso com o processo de aprendizado no Movimento, provavelmente, era uma maneira de rejeitar o projeto de enquadramento à feição idealizada de uma mulher do Graal.

Fontes

VAN GINNEKEN, Jacques (Padre). Conferência nº 18- *O Moderno Movimento de Mulheres*. Holanda: [s.ed.], 1932.

VAN GINNEKEN, Jacques. Conferência nº 19 – *A Emancipação da Mulher Leiga na Igreja Católica*. Holanda: [s.ed.], 1932.

VAN GINNEKEN, Jacques. Conferência nº 20 - *A Atitude do Papa com relação ao apostolado de leigos*. Holanda: [s. ed.], 1932.

VAN GINNEKEN, Jacques. Conferência nº 22- *A Rígida Espiritualidade e a mais livre mulher no mundo*. Holanda: [s. ed.], 1932.

VAN GINNEKEN, Jacques. Conferência nº 23- *A Múltipla formação dos Núcleos*. Holanda: [s.ed.], 1932.

Referências bibliográficas

- ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas: mulheres da colônia — condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudeste do Brasil, 1750-1822*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Edunb, 1993.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é Feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1982. (coleção Primeiros Passos)
- AZZI, Riolando. *A participação da mulher na vida da Igreja do Brasil (1870-1920)*. In: MARCÍLIO, Maria Luíza (org.). *A Mulher Pobre Na História da Igreja Latino-Americana*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.
- DE BIASE, Paola Gaiotti. De uma cidadania a outra. O duplo protagonismo das mulheres católicas. In: BONACCHI, Gabriella; GROPPI, Ângela (orgs.) *O Dilema da Cidadania — direitos e deveres das mulheres*. São Paulo: UNESP, 1995. (coleção biblioteca básica).
- DONDERS, Rachel. *A Vida do professor doutor Jacques Van Ginneken S.J. (1877-1945) fundador e inspirador do Graal- Um Perfil*. Holanda: [s.ed.], 1979.
- DONDERS, Rache. *O Graal- uma comunidade de fé: passado, presente, futuro*. Tilttemberg, AGI, 1988.
- LOURO, Guacira Lopes. Uma Leitura da História da Educação Sob a Perspectiva do Gênero. *Teoria e Educação*. Porto Alegre, Pannonica, n. 6, p. 53-57, 1992.
- LOURO, Guacira Lopes. Gênero, História e Educação: construção e desconstrução. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 101- 132, jul./dez,1995.
- MILLER, Patrícia M. *Constructing a model for theologizing as developed by the women of the United States Grail, 1940-1978*. USA: [s.ed.], 1994.
- NOVO Dicionário Aurélio, 14 impr., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- SOHN, Anne Marie. Entre duas guerras- os papéis femininos em França e na Inglaterra. In: DUBY, Gorges, PERROT, Michelle. *História das mulheres no Ocidente — o século XX*. São Paulo: Ebradil, S/D.